

MARIELLE FRANCO, NÓS SENTIMOS O SEU REFLEXO: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS SOBRE RAÇA E GÊNERO NA PSICOLOGIA (2016 - 2018)

MARIELLE FRANCO, WE FEEL YOUR REFLECTION: ANALYSIS OF ACADEMIC PRODUCTIONS ON RACE AND GENRE IN PSYCHOLOGY(2016 - 2018)

Samanta Costa Calcagno¹
Tainá Valente Amaro²
Marcel Jardim Amaral³

RESUMO: Objetivamos neste artigo investigar os estudos publicados na base de dados do SciELO sobre Psicologia e gênero e também sobre Psicologia e raça, entre os anos 2016 e 2018, tendo em vista o período em que as investidas contrárias às pautas de gênero e raça se intensificaram no Brasil; e houve o assassinato brutal de Marielle Franco. Percebemos uma diferença significativa no número de publicações sobre gênero em relação às de raça e constatamos que, no ano do assassinato da vereadora, mais que duplicaram os artigos sobre gênero na Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia. Marielle Franco. Raça e Gênero.

ABSTRACT: In this article, we intend to investigate the studies published in the SciELO database on Psychology and gender and also on Psychology and race, between the years 2016 and 2018, considering the period in which the attacks contrary to the guidelines of gender and race intensified in the Brazil; and there was the brutal murder of Marielle Franco. We noticed a difference in the number of publications on gender in relation to race and we found that, in the year the councilwoman was murdered, the articles on gender in Psychology more than doubled.

Keywords: Psychology. Marielle Franco. Race and Gender.

Introdução

Neste artigo temos como objetivo mapear estudos publicados entre os anos de 2016 e 2018, que tratem sobre Psicologia e gênero e também sobre Psicologia e raça. A investigação foi realizada em artigos de revistas científicas disponíveis na *Scientific Electronic Library Online - Scielo*. A pesquisa configura-se como Estado da Arte.

¹Mestra em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde (Associação Ampla entre UFRGS/UFMS/FURG). Pós-graduanda em Sociologia (FURG). Graduada em Pedagogia e Psicologia pela mesma universidade.

²Mestranda em Psicologia Social (PPGPS - UERJ). Bacharel em Psicologia (FURG).

³Doutorando em Educação Ambiental (FURG). Mestre em Educação pela mesma universidade. Bacharel em Serviço Social (ANHANGUERA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Apresentamos as discussões de raça e gênero que foram suscitadas no campo da Psicologia, especificamente observando os anos anteriores e o ano do ataque feito contra a vereadora Marielle Franco. Salientamos que não buscamos realizar um estudo casuístico com tal fato, para isso seriam necessárias outras investigações. Aqui, partimos dos questionamentos: 1) O que se tem produzido, academicamente, sobre raça e gênero na Psicologia; 2). Podemos observar maior produção de uma temática em relação a outra? 3) Em qual ano percebemos uma maior expressividade dessa produção?

Trazemos, em memória, Marielle Franco, por entendermos que ela representa as lutas que ganharam mais visibilidade no período estudado, quais sejam: lutas antirracista, feminista, antifascista, anticapitalista, entre outras. Compreendemos que seu assassinato marcou a história do país e foi repercutido mundialmente, representando a consolidação de discursos e práticas contrárias às lutas travadas por ela. Portanto, consideramos imprescindível, ao fazer este recorte temporal e ao discutir raça e gênero, fazer presente Marielle: “mulher negra mãe e cria da favela da Maré”, como se apresentava; e que aos 38 anos foi assassinada, no dia 14 de março de 2018, no centro do Rio de Janeiro.

A vereadora Marielle Franco, como passou a ser conhecida, após ser eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), como a quinta mais votada no município do Rio de Janeiro nas eleições de 2016, foi e é referência para muitas mulheres negras e não negras em todo o mundo. Entendemos que os ataques contra Marielle não começaram e nem terminaram no ano de 2018 e tampouco se limitam ao território do Rio de Janeiro.

As agressões que acometeram à vereadora são praticadas diariamente às pessoas cuja existência também é contrária aos padrões hegemônicos da sociedade. Oliveira (2018) analisa comentários em vídeos da vereadora nos anos anteriores ao seu assassinato:

Havia muito ódio contra a Marielle, e ainda há contra outras políticas que são bem parecidas com ela pelo fato de serem negras e da periferia. Podemos perceber isso por meio de comentários maldosos na internet, concluindo por meio disto a intolerância que essas mulheres sofrem ao chegar e ocupar um espaço de poder historicamente dominado por homens brancos de classe média (OLIVEIRA, 2018, p. 10)⁴.

O ódio difundido pelas redes sociais, e fora dela, foi agravado no período pandêmico em que vivemos, onde presenciamos assassinatos brutais, principalmente de homens e crianças negras.

⁴OLIVEIRA, Larissa Carraro de. *Marielle Franco: um estudo da trajetória feminina no âmbito político brasileiro*. Trabalho de Conclusão de curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Juiz de Fora, 2018.

Com a chegada da Covid-19, as múltiplas crises se intensificaram mundialmente, afetando a sociedade como um todo, já que, todas as raças e etnias, gêneros e classes tornaram-se vítimas da pandemia; e todo o mundo foi e está surpreendido com a velocidade das mortes devido à Covid-19. Esta insegurança e este sentimento de impotência diante da grave pandemia colocam em cheque todas as certezas que os seres humanos possuem, por isso, projetamos que a humanidade deverá se repensar pós-Covid-19.

Ironicamente, diversos/as oprimidos/as (FREIRE, 1997)⁵ vinham e vêm denunciando, no período pré-Covid-19, outras pandemias que, por não serem pautas importantes para a sociedade (racismo, sexismo, machismo, etc.), não causaram impacto como a Covid-19. Sabemos que, na pandemia da Covid-19, quem sofre drasticamente as expressões desta realidade primeiramente são as minorias sociais, portanto, necessitamos trazer essa problemática ao centro das provocações, reflexões, estudos epistemológicos e epidemiológicos, para que possamos pensar formas de diminuir as desigualdades diante desta realidade.

Não é novidade que na atualidade vivemos uma crise ontológica (PEREIRA, 2019)⁶. Há tempos, existe a permanência da prepotência de um tempo metabólico, em que a cooperação entre as relações humanas está a todo custo sendo fragilizada; e, em contrapartida, a exploração e a competição são concebidas como respostas de sucesso à sociedade vigente. Pensar raça e gênero, no contexto da crise das políticas públicas inseridas em um estado necropolítico – política de incentivo à morte (MBEMBE, 2018a)⁷ -, é desafiador, tendo em vista a fecundidade em que se alastrou a relação sujeito-objeto, em que o reconhecimento da existência de outridades e sua ontologia (modo de ser e estar no mundo) é ignorada e/ou menosprezada.

Este estudo está organizado em cinco subtópicos. O primeiro subtópico, Discussões sobre raça, gênero e classe na última década, apresenta discussões sobre raça, gênero e classe nos últimos anos, além de apresentar, de forma sucinta, o percurso de Marielle na universidade e suas inquietações perante o modo como alguns assuntos são tratados de forma estereotipada dentro do espaço acadêmico e também sobre os silenciamentos que ocorrem nesse espaço. O segundo subtópico, dá conta da metodologia e situa a elaboração do artigo como sendo um Estado da Arte. O terceiro subtópico, Análise dos dados, descreve a

⁵FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁶PEREIRA, Vilmar Alves. Modos de ser e estar no mundo ambientalmente em tempos de crise ontológica. In: PEREIRA, Vilmar Alves; MALTA, Marcia Madeira Malta (Org.). *Ontologia da Esperança: a Educação Ambiental em tempos de crise*. 1. ed. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2019.

⁷MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. N-1 Edições, 2018a.

organização dos artigos que foram encontrados e organizados em tabelas, para após ser realizada a primeira triagem. No quinto subtópico são tratados os resultados, e discussões, além da análise dos artigos resgatados que foram agrupados em 8 (oito) temáticas. No último subtópico, são realizadas as considerações finais, onde fazemos um apanhado sobre as diferenças significativas de publicações sobre gênero em relação à raça.

Discussões sobre raça, gênero e classe na última década

Na última década, sobretudo após o ano de 2016, algumas discussões foram evidenciadas dentro da academia, tais como: genocídio preto – eliminação e extermínio de pessoas negras (CARDOSO, 2018)⁸; Necropolítica – desfazimento de um débil Estado de Bem-Estar Social, que se realiza por meio da barbárie, numa dinâmica em que a era de crescimento de direitos individuais e políticos é substituída pela fase de declínio e retirada desses mesmos direitos (MBEMBE, 2018a); Democracia – A ampliação da democracia política deve, necessariamente, estar vinculada à redução das desigualdades sociais (BOBBIO, 1987)⁹; Violências de gênero – Os estudos sobre a violência de gênero, especialmente aquela dirigida à mulher, constituem-se em um campo teórico-metodológico fundado a partir das reivindicações do movimento feminista brasileiro e internacional (BANDEIRA, 2014)¹⁰; Racismo – com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria, teoricamente, uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos raciais, que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas, e se situam numa escala de valores desiguais. Dado este ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2003)¹¹; Interseccionalidade – busca compreender a forma pela qual racismo, patriarcalismo e opressão de classe criam

⁸CARDOSO, Francilene. *RACISMO E NECROPOLÍTICA: a lógica do genocídio de negros e negras no Brasil contemporâneo*. *Revista de Políticas Públicas*. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9828/5782>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

⁹Bobbio, N. *Estado governo sociedade; para uma teoria geral da política*. (2a. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹⁰BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Soc. estado.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>.

¹¹MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *III Seminário Nacional sobre Relações Raciais e Educação-Penesb*, Rio de Janeiro, 2003.

desigualdades básicas, que estruturam as relações de gênero, raça, classe e outras (CRENSHAW, 2002)¹².

Verificamos também neste período, no ambiente macropolítico e universitário, a consolidação de movimentos sociais que representam grupos que antes contavam com pouca ou nenhuma representação política e colocam-se neste espaço, em disputa pelo público e pela conquista de suas propostas (AMARO; PAIXÃO; SEVERO, 2020)¹³. As produções acadêmicas em Psicologia refletem esta presença maior dos movimentos sociais negros e de mulheres nestes espaços?

Estas discussões acadêmicas são realidades de milhares de pessoas que há muitos anos vivem sem a proteção do Estado, pelo contrário, são seus alvos: pessoas pretas, pobres e faveladas. Marielle destacou a realidade em que viveu – no complexo de favelas da Maré/RJ. Mais de mil favelas compõem o Rio de Janeiro, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)¹⁴. Oliveira (2015)¹⁵ aponta que a gestão da cidade do Rio de Janeiro tem revelado vários critérios racistas. Nesse contexto, o genocídio de negros e negras é um instrumento do Estado para o controle e a eliminação física dos sujeitos considerados ameaçadores a sua norma, tal como foi Marielle. Desde a colonização, o genocídio de pessoas não brancas se apresenta como uma forma de dominação racial, e este processo já foi visto no mundo inteiro (CARDOSO, 2018; MBEMBE, 2018b)¹⁶.

No Brasil podemos apontar algumas políticas públicas e interpretações jurídicas cujo objetivo é realizar um trabalho de gestão da morte, por exemplo: os autos de resistência, às Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e o racismo ambiental praticado por megaempreendimentos financiados pelo Estado. Essas gestões ocorrem, sobretudo, nos territórios de favela, onde há legitimação das mortes pelo senso comum:

Grande parte da população é marcada por percepções segundo as quais as favelas são vistas como territórios, em oposição ao conjunto da cidade. Tal fato tem grande interferência na vida dessas comunidades, pois com frequência o papel do Estado é

¹²CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

¹³AMARO, Tainá; PAIXÃO, Cassiane; SEVERO, Ricardo. A Interseccionalidade como prática: processos de construção e atuação do coletivo de negra e negros Macanudos. *Revista Diálogos*, v.8 n. 1, p. 218-236, 2020. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/9618>. Acesso em 08 de agosto de 2019.

¹⁴CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2019.

¹⁵OLIVEIRA, Denilson. *Gestão racista e necropolítica do espaço urbano: apontamento teórico e político sobre o genocídio da juventude negra na cidade do Rio de Janeiro*. Nova Iguaçu. Anais do Copene Sudeste, 2015.

¹⁶MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

legitimado pelo senso comum, o que reforça as incursões policiais e uma atuação diferenciada dos territórios da cidade (FRANCO, 2014, p. 60)¹⁷.

Ao discorrer sobre o genocídio da população negra, o debate sobre a militarização na favela é uma questão central, que se intensifica com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), com o terror causado pelas chamadas incursões policiais, com uma política que substitui dos grupos criminosos o poder de circulação das armas, e apresenta uma realidade em que hoje as armas circulam nas mãos do braço armado e legal do Estado que possui o poder do uso da força (FRANCO, 2014).

Desta forma, a colonização e desumanização negra se confunde e se reconfigura na instalação das UPPS, uma vez que:

Colonizar tinha como meta pacificar os colonizados. Pacificar era sinônimo de evangelização/civilização. Logo, no período colonial pacificar significava impor um modo de dominação marcada indiretamente com a ideia de exclusão e tutela. A partir do período republicano passou a significar mais diretamente tutelar. Porém, essa perspectiva é marcada por um paradoxo, pois, tutela é uma forma de dominação marcada tanto pela proteção quanto pela repressão que podem ser acionados alternadamente ou de forma combinada segundo diferentes contextos e distintos interlocutores (OLIVEIRA, 2015 p. 8).

Quais são esses corpos que necessitam ser pacificados? Sob quais perspectivas? A que propósito? Conforme o Atlas da Violência do ano de 2019 (IPEA, 2019)¹⁸, houve uma continuidade do processo de aprofundamento da desigualdade racial nos indicadores de violência letal no Brasil, já apontado em outras edições. Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1; ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, 2,7 negros foram mortos aproximadamente.

No período de uma década (2007 a 2017), a taxa de negros cresceu 33,1%, já a de não negros apresentou um pequeno crescimento de 3,3%. Analisando apenas a variação do ano de 2017, enquanto a taxa de mortes de não negros apresentou relativa estabilidade, com redução de 0,3%, a de negros cresceu 7,2%. Dados alarmantes que deveriam ser discutidos, mas que acabam sendo naturalizados e silenciados, visto que “a violência e autoritarismo do

¹⁷FRANCO, Marielle. *UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração, Ciências Contábeis e Turismo). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

¹⁸IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da violência 2019*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília, 2019.

estado para com pessoas negras é cruel e absurda, e mesmo os casos mais difundidos na mídia, caem no esquecimento popular – visto que **vidas negras não importam**”¹⁹ (AMARAL, 2019, p. 94)²⁰.

O genocídio não se resume à morte física de uma população específica. Diversas são as manifestações contemporâneas de genocídio negro no Brasil, que incluem altos índices de encarceramento, brutalidade policial, mortalidade infantil elevada, tratamento médico precário, ausência de uma educação libertadora, violência diária nos bairros periféricos das cidades etc. Sendo assim, inúmeras são as formas de desumanização da população negra, que culminam em uma vida instável e em sua morte prematura.

O discurso da lei e da ordem é utilizado na maioria das vezes como justificativa para tais ações antidemocráticas e arbitrárias. Exemplos racializados que devem ser discutidos, pois são apontados como símbolos da desordem a serem eliminados, tanto do plano material quanto do simbólico, são: a população em situação de rua, os ‘farofeiros’, os funkeiros, os pobres, indo para praias e espaços elitizados cidade, os rolezeiros, ao se aventurarem na ocupação dos Shopping Centers, símbolos de consumo na sociedade capitalista e de demarcação racial.

Desta forma, podemos considerar que o Brasil vive em uma guerra racial, afirmativa que corrobora com Mbembe (2018a, p. 56), ao questionar-se: “matar civis inocentes com um *drone* ou as ocasionais batidas aéreas a alvos específicos serão atos menos cegos, mais morais ou mais clínicos do que uma degolação ou uma decapitação?”. Estamos em uma sociedade em que o uso desproporcional da violência é legitimado para resolver grandes ou pequenos problemas, desta forma, podemos considerar que as relações humanas estão praticamente erradicadas e a situação que vivemos é de uma guerra declarada.

Durante o curso de graduação em Ciências Sociais, Marielle começa a construir seu lugar na universidade. Em uma entrevista concedida, disponível para visualização no YouTube²¹, ela diz que entrou no ambiente acadêmico fazendo questionamentos em sala de aula, ressalta a maneira como os assuntos referentes à favela eram tratados de forma estereotipada. Marielle percebe que autoras de grande importância para os estudos de gênero

¹⁹Grifo nosso.

²⁰AMARAL, Marcel Jardim. *O negro e a luta por reconhecimento: as cotas raciais na universidade*. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Fundação Universidade Federal do Rio Grande / FURG, Rio Grande, 2019.

²¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swKLU6ZI5MI&t=801s>. Acesso em 30 dez. 2019.

e raça, como foi Lélia González, não eram citadas, o que reforça o apagamento da negritude no âmbito acadêmico (OLIVEIRA; NEVES, 2018)²².

Oliveira e Neves (2018) ressaltam que embora o Brasil venha assistindo, nos últimos anos, uma pequeníssima melhora quanto à dedicação e interesse políticos em tratar as questões raciais, fruto de intenso envolvimento dos movimentos negros, ampliando a participação dos/das negros/as e de pessoas da periferia no meio acadêmico, sobretudo através dos programas de cotas sociais e raciais, e o Programa Universidade Para Todos - PROUNI, ainda assim, nesse mesmo meio, pode-se perceber que há ainda contratempos sofridos por esses grupos, como a falta que há de negros/as exercendo o cargo de professor e o fato de haver descrédito quanto aos temas raciais.

Metodologia

Buscamos em uma das bases bibliográficas mais conceituadas na América Latina, a *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, os artigos que discorrem sobre os assuntos: Psicologia, gênero e raça. Escolhemos a base de dados da SciELO, visto que essa reúne periódicos de forma *online* e seu acesso é gratuito, além de permitir acesso ao texto completo dos artigos.

Também investigamos: as áreas temáticas em que estão organizados estes estudos, as revistas com maior número de publicações e o ano em que houve maior publicação sobre estes marcadores sociais. Realizamos o mapeamento de estudos no campo da Psicologia, que envolvam aspectos de gênero e raça, motivados pela compreensão de que tais aspectos geram impactos na vida dos sujeitos, tanto em âmbitos sociais quanto em aspectos da saúde psíquica. Desta forma, acreditamos que investigar o que está sendo produzido no campo da Psicologia sobre gênero e raça poderá contribuir para novas ações e discussões no campo *psi*²³.

Para investigar os artigos que discutem temáticas da Psicologia, que envolvam gênero e raça, utilizamos a pesquisa denominada Estado da Arte. A busca foi realizada durante a primeira quinzena do mês de dezembro de 2019, a partir do *link* “busca de artigos”. A busca

²²OLIVEIRA, Estephania de Lima; NEVES, André Luiz Machado das; SILVA, Iolete Ribeiro da. Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e166019, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100232&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166019_

²³ Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.

dos artigos foi feita duas vezes, através da utilização de diferentes descritores em cada uma dessas buscas. Utilizamos os pares de descritores: Psicologia; gênero – 34 artigos resgatados – e Psicologia; raça – 1 artigo resgatado –, com utilização dos filtros: ano de publicação – com um recorte de 2016, 2017 e 2018 – e a área temática – Psicologia social –. Nesse primeiro momento, recuperamos o total de 35 artigos, que compuseram o *corpus* inicial.

O período de tempo escolhido (2016 a 2018) deu-se pelo entendimento de que a partir de 2016 o Brasil vivencia um momento de consolidação de propostas contrárias às pautas de gênero, raça e sexualidade, com a ascensão de discursos e representantes políticos conservadores. Desta forma, evidenciamos que algumas publicações em Psicologia têm contribuído no compartilhamento de discursos e práticas contra-hegemônicas. Ao pensar a teoria como prática da liberdade, bell hooks (2017)²⁴ faz um desabafo que contempla as autoras e o autor deste artigo de forma ontoepistemológica:

Cheguei a teoria por que estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei a teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2017, p. 83)²⁵.

Portanto, os artigos encontrados na SciELO, foram organizados em duas tabelas, para cada dupla de descritores. As tabelas foram organizadas da seguinte forma: título; autores; palavras-chave que os autores utilizaram; revista publicada; ano de publicação. Posteriormente, foi realizada a primeira triagem, momento em que foram excluídos os artigos em língua estrangeira, 13 artigos foram excluídos dos descritores Psicologia; gênero. Verificamos que o artigo resgatado na categoria de descritores Psicologia; raça se repetia nos descritores Psicologia; gênero. Optamos por manter tal artigo na categoria de descritores Psicologia; raça. Com isso, 14 artigos foram excluídos da categoria de descritores Psicologia; gênero, ao todo. Ao final da primeira triagem, tivemos um *corpus* de 21 artigos para realizar a análise.

Tabela 1 - Número de artigos recuperados na SciELO e número após a 1ª triagem

Descritores	Psicologia; gênero	Psicologia; raça	Total
Total de artigos recuperados	34	1	35

²⁴ O nome da autora no texto é sempre grafado em letras minúsculas.

²⁵HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2017.

Nº de artigos após 1º triagem	20	1	21
--------------------------------------	----	---	----

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Com o intuito de refinar o *corpus* da análise, em um segundo momento (segunda triagem), realizamos a leitura dos resumos dos artigos com a intenção de identificar quais eram os objetivos dos estudos desenvolvidos, a metodologia adotada e as conclusões. Durante esse processo, foi excluído 1 (um) artigo dos descritores Psicologia; gênero em que o contexto estudado foi Portugal. No fim da segunda triagem, ficamos com 20 artigos que compuseram o *corpus* do estudo.

Tabela 2 - Número de artigos após a 2ª triagem

Descritores	Psicologia; gênero	Psicologia; raça	Total
Nº de artigos após 2º triagem	19	1	20

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Ao investigar os 20 artigos selecionados que compuseram o *corpus* do estudo que aqui apresentamos, podemos verificar que o ano em que houve maior número de publicação foi 2018, com 11 (onze) artigos publicados, seguido do ano de 2016, com 7 (sete) artigos publicados, e, por último, o ano de 2017, com apenas 2 artigos publicados.

Tabela 3 - Ano de publicação dos artigos após a 2ª triagem

Descritores	Psicologia; gênero	Psicologia; raça	Total / por ano
Artigos em 2018	11	-	11
Artigos em 2017	2	-	2
Artigos em 2016	6	1	7
Total de artigos	19	1	20

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Dos 20 artigos, os 19 artigos com os descritores Psicologia e Gênero estão na revista Psicologia & Sociedade; e o único artigo encontrado sobre Psicologia e raça também estava na mesma revista. A revista Psicologia e Sociedade é uma das revistas brasileiras específicas da Psicologia e notoriamente é a que mais tem publicado artigos acerca de gênero. A revista é da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso), uma instituição consolidada na

área de Psicologia Social e que se destaca pelos esforços na construção de uma Psicologia Crítica.

No documento de referências técnicas para atuação de psicólogas/os sobre relações raciais, elaborado pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop), é apresentado um panorama sobre estudos que versam sobre relações étnico-raciais e racismo, realizados por pesquisadoras(es) com formação em Psicologia, tanto na graduação quanto da pós-graduação, apoiando-se em pesquisas que fizeram uma revisão bibliográfica acerca de produções da Psicologia na área. Neste material, foi apontado que:

Todos os revisores, sem exceção, notaram a escassa produção entre as(os) psicólogas(os) sobre relações raciais, o que indica que a negação da temática na sociedade tem sido repetida na Psicologia, ainda que os artigos publicados colaborem significativamente para a discussão do tema dentro (e fora) do universo psi (CFP, 2017)²⁶.

Destacamos que, mesmo após alguns anos desta afirmação do documento elaborado pelo Crepop, a temática racial segue sendo invisibilizada pela Psicologia, enquanto ciência e profissão, através da pouca produção específica sobre relações raciais e também na ausência de abordagem sobre raça e racismo em outras produções; consideramos que “ser mulher preta é (re)existir diariamente ao racismo, ao sexismo e às violências produzidas e/ou reforçadas pelo colonialismo. E, ao mesmo tempo, (re)construir modos e estratégias de ser, estar e se relacionar no mundo” (AMARO, 2018, p. 8)²⁷. Nos artigos encontrados sobre gênero, poucos questionam ou abordam o quesito raça/cor, quando tais questionamentos não ocorrem “as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade” (CARNEIRO, 2003, p. 118)²⁸. Neste aspecto, Grada Kilomba (2019) denuncia que “raça não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da raça. A experiência envolve ambos por que construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem impacto na construção de raça e na experiência do racismo” (KILOMBA, 2019, p. 94)²⁹.

²⁶ Conselho Federal de Psicologia. *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os*. Brasília: CFP, 2017.

²⁷ AMARO, Tainá Valente. *Trajetórias e (re) existências de mulheres pretas psicólogas no sul do Brasil*. 2018. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Fundação Universidade Federal do Rio Grande / FURG, Rio Grande, 2018.

²⁸ CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 117-133, 1 dez. 2003.

²⁹ KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Resultados e discussões: Análise dos artigos resgatados

A partir da segunda triagem, os 20(vinte) artigos puderam ser agrupados em 8(oito) temáticas, são elas: 1) Parentalidade, artigos voltados aos papéis e funções parentais – três artigos; 2) Subjetivação, estudos voltados à construção de gênero – quatro artigos; 3) Ruralidade/território, estudos voltados às discussões e vivências de gênero no território rural – dois artigos; 4) Feminismo – dois artigos; 5) Profissionalização – dois artigos; 6) Violências – dois artigos; 7) Interseccionalidade – dois artigos; e 8) Sexualidade – três artigos.

Quadro 1 - Eixo temático Parentalidade

Títulos dos artigos	Autores/as
Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos	Paula Orchiucci Miura Ana Caroline dos Santos Silva; Maria Marques Marinho; Peronico Pedrosa; Marianne Lemos Costa; e José Nilson Nobre Filho.
Paternidades encarceradas: revisão sistemática sobre a paternidade no contexto do cárcere	Sabrina Daiana Cúnico; Rhaíssa Paula Quaini; Marlene Neves Strey.
Homoparentalidade e adoção: (re)afirmando seu lugar como família	Rosana Machin.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Apresentamos, inicialmente, os trabalhos que abordam a temática da Parentalidade. O artigo de Machin (2016)³⁰, em seu estudo intitulado “Homoparentalidade e adoção: (re)afirmando seu lugar como família”, versa sobre parentalidade entre casais homossexuais, destaca as variações das noções de família ao longo da história e aponta novas configurações que desafiam os modelos de gênero e de relações parentais. Cunico, Quaini e Strey (2018)³¹, na pesquisa “Paternidades encarceradas: revisão sistemática sobre a paternidade no contexto

³⁰MACHIN, Rosana. Homoparentalidade e adoção: (re) afirmando seu lugar como família. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 350-359, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000200350&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p350>.

³¹CUNICO, Sabrina Daiana; QUAINI, Rhaíssa Paula; STREY, Marlene Neves. Paternidades encarceradas: revisão sistemática sobre a paternidade no contexto do cárcere. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 29, e168770, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100246&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29168770>.

do cárcere”, debruçam-se sobre a paternidade no contexto do cárcere, concluem que o estímulo à vivência de uma paternidade mais afetiva e cuidadora pode produzir mudanças dentro e fora deste contexto. Já Miura et al. (2018)³², no artigo “Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos”, buscaram, através de uma revisão sistêmica, identificar, analisar e compreender o uso sobre os termos Violência Doméstica (VD) e Violência Intrafamiliar (VI) em artigos acadêmicos na área da Psicologia. Os autores ressaltam a importância da ampliação das reflexões sobre tais conceitos, englobando dimensões macrossociais.

Quadro 2 - Eixo temático Subjetivação

Títulos dos artigos	Autores/as
Frequentadoras de academias de ginástica para mulheres e tradição familiar: subordinação ou emancipação?	Deimersom Pereira Frazão; Neil Franco; Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho.
Notas sobre autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas	André Geraldo Ribeiro Diniz; Claudia Mayorga.
Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade	Fernando César Paulino-Pereira; Lara Gabriella Alves dos Santos; Sarah Cristina Carvalho Mendes.
Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poder e desigualdades	Karla Galvão Adrião; Jaileila de Araujo Menezes; Leyllyanne Bezerra de Souza Raissa Falcão.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

No que tange a temática Subjetivação, Frazão, Franco e Filho (2018)³³, no artigo “Frequentadoras de academias de ginástica para mulheres e tradição familiar: subordinação ou emancipação?”, desvelam algumas das complexas tensões na trajetória de mulheres nos espaços sociais e na escolha por frequentarem academias destinadas ao público feminino. Os autores concluíram que muitas das mulheres que participaram do estudo optaram por este

³²MIURA, Paula Orchiucci et al. Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 30, e179670, 2018. Acesso em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-71822018000100246&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30179670>

³³FRAZAO, Deimersom Pereira; FRANCO, Neil; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Frequentadoras de academias de ginástica para mulheres e tradição familiar: subordinação ou emancipação?. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e173003, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-71822018000100223&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30173003>

tipo de estabelecimento devido ao ciúme de seus companheiros. Diniz e Mayorga (2018)³⁴, em seu artigo “Notas sobre autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas”, identificaram e analisaram as experiências de enfrentamento e resistência à opressão de mulheres que exercem a prostituição. O estudo concluiu que as trajetórias dessas mulheres se constroem entre sujeição e resistência à sujeição, heteronomia e afirmação de autonomia. Adrião et al. (2017)³⁵, em seu artigo intitulado “Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poder e desigualdades”, problematizaram os efeitos das situações de desigualdade nos processos de subjetivação de jovens, através da metodologia pesquisa-intervenção-pesquisa, os autores refletiram sobre a desnaturalização do tabu da sexualidade feminina e a desestabilização de discursos normativos sobre as relações de gênero. Da mesma forma, Paulino-Pereira, Santos e Mendes (2017)³⁶, no artigo “Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade”, apostaram nas discussões com jovens para a construção de uma identidade não violenta, numa sociedade em que os jovens não carreguem para o futuro características opressoras quanto às questões de gênero.

Quadro 3 - Eixo temático Ruralidade/ território

Títulos dos artigos	Autores/as
Jovens mulheres do âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições	Adolfo Pizzinato; Cristiano Hamann; João Gabriel Maracci-Cardoso; Marcelo Moreira Cezar.
Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade	Rita de Cássia Maciazeki Gomes; Conceição Nogueira; Maria Juracy Filgueiras Toneli.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

³⁴DINIZ, André Geraldo Ribeiro; MAYORGA, Claudia. Notas sobre autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e165432, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-71822018000100221&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165432>.

³⁵ADRIÃO, Karla Galvão et al. Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poder e desigualdades. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v.29, e153790, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100217&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29153790>.

³⁶PAULINO-PEREIRA, Fernando César; SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; MENDES, Sarah Cristina Carvalho. Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 29, e172013, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100411&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de Fev. 2021. Epub Dec 18, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29172013>.

Dos artigos que tratavam da temática Ruralidade/Território, o estudo de Gomes, Nogueira e Toneli (2016)³⁷, intitulado “Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade”, reconheceram os avanços na temática de gênero em espaços rurais, no entanto, Pizzinato et al.³⁸ (2016), em sua pesquisa intitulada “Jovens mulheres do âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições.”, chamaram a atenção para a necessidade de trabalhos que compreendam melhor as necessidades, demandas e formas de viver no âmbito rural – e em especial numa perspectiva que não vá pressupor intervenções ou análises a partir dos pressupostos do urbano.

Quadro 4 - Eixo temático Feminismo

Títulos dos artigos	Autores/as
Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência	Vívian Matias dos Santos.
Gênero, feminismo e psicologia social no brasil: análise da revista psicologia & sociedade (1996-2010).	Luana Carola dos Santos; Ana Berlado Carvalho; Julião Gonçalves Amaral; Larissa Amorim Borges; Claudia Mayorga.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019

No eixo feminismo, Santos (2018)³⁹, em “Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência”, busca compartilhar reflexões, tensionamentos e intenções que o contato com o pensamento decolonial pode provocar nos estudos sobre gênero e ciência, contribuindo para o debate sobre a desobediência epistêmica como necessária às teorias críticas feministas. Santos et al. (2016)⁴⁰, no artigo “Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista psicologia & sociedade (1996-2010)”, analisaram 36 artigos publicados no periódico Psicologia & Sociedade, entre os anos de 1996

³⁷GOMES, Rita de Cássia Maciazeki; NOGUEIRA, Conceição; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 115-124, Apr. 2016.

³⁸PIZZINATO, Adolfo; HAMANN, Cristiano; MARACCI-CARDOSO, João Gabriel e CEZAR, Marcelo Moreira. Jovens mulheres do âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições. *Psicol. Soc.* [online]. 2016, vol.28, n.3, pp.473-483. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p473>.

³⁹SANTOS, Vivian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e 200112, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100242&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>.

⁴⁰SANTOS, Luana Carola dos, Carvalho, Ana Berlado, Amaral, Julião Gonçalves, Borges, Larissa Amorim, & Mayorga, Claudia.. Gênero, feminismo e psicologia social no brasil: análise da revista Psicologia & Sociedade (1996-2010). *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 589-603, Dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000300589&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>.

e 2010, as autoras destacaram a distribuição dos artigos ao longo dos anos, pois ficou evidente o aumento em números absolutos das publicações de trabalhos com a temática de gênero na revista. O estudo aponta não só para o crescimento dos estudos de gênero na Psicologia social brasileira, mas também para a consolidação desse campo em uma perspectiva feminista e crítica ao conceito de gênero.

Quadro 5 - Eixo temático Profissionalização

Títulos dos artigos	Autores/as
Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade	Suzane Carvalho da Vitória Barros; Luciana Mourão.
Projetos profissionais de estudantes de um curso técnico em agropecuária	Giovana Ilka Jacinto Salvaro; Samantha Maciel de Quadros; Dimas de Oliveira Estevam.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Acerca da temática Profissionalização, Barros & Mourão (2018)⁴¹, no artigo “Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade”, apresentaram um estudo teórico sobre a participação feminina na sociedade brasileira na educação e no mercado de trabalho. Pode ser verificado através do estudo que o gênero aponta padrões distintos para a escolha do curso superior, e nas responsabilidades relativas às tarefas domésticas/familiares. Além disso, as áreas predominantemente masculinas apresentam maiores salários e prestígio, e as mulheres, quando exercem essas tarefas, ganham valor inferior. Já Salvaro, Quadros e Estevam (2016)⁴² destacaram que alguns dos relatos dos/as jovens participantes de seu estudo apresentaram o rural como um lugar promissor de trabalho. Em um movimento que evidencia o rural como lugar de produção e de modos de vida, os/as jovens vislumbram possibilidades de inserção profissional. O projeto profissional emerge como singular a partir de determinadas condições socioeconômicas e culturais implicadas no processo de constituição subjetiva.

⁴¹BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e174090, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100214 &lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018_v30174090.

⁴²SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; QUADROS, Samantha Maciel de; ESTEVAM, Dimas de Oliveira. Projetos profissionais de estudantes de um curso técnico em agropecuária. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 309-319, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000200309&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p309>.

Quadro 6 - Eixo temático Violência

Títulos dos artigos	Autores/as
A vida psíquica do homem e a morte de mulheres	Alex Simon Lodetti; Livia Espíndola Monte; Mara Coelho de Souza Lago; Maria Juracy Filgueiras Toneli.
Concepções sobre adolescentes em situação de violência sexual	Vera Lucia Mendes Trabbold; Regina Célia Lima Caleiro; Cristiane de Freitas Cunha; Andréa Máris Campo Guerra.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Em relação ao eixo temático Violência, Lodetti et al. (2018)⁴³, em “A vida psíquica do homem e a morte de mulheres”, versam sobre como a Lei do Femicídio colocou em evidência as condições de julgamento e compreensão da violência fatal contra mulheres, o trabalho desenvolvido estabeleceu relações entre os conceitos de femicídio e feminicídio. O trajeto dos avanços legislativos e jurídicos foi recuperado e discutido, compreendendo-se que a Lei do Femicídio é um novo passo na produção de uma sociedade mais igualitária. Na pesquisa de Trabbold et al. (2016)⁴⁴, intitulado “Concepções sobre adolescentes em situação de violência sexual”, uma das questões apontadas é a lacuna do adolescente no setor da saúde. Conclui-se que são vários os fatores que propiciam e/ou mantêm a exploração comercial sexual de crianças e adolescentes, sendo um deles a omissão dos profissionais. Apesar dos avanços nas políticas públicas para o enfrentamento da violência, sua compreensão e superação, por parte dos profissionais da área de saúde, constituem-se ainda um grande desafio.

Quadro 7 - Eixo temático Interseccionalidades

Títulos dos artigos	Autores/as
Mulheres no crime: análise sobre enunciados difundidos pela mídia brasileira	Flávia Fernandes de Carvalhaes; Maria Juracy Filgueiras Toneli; Sonia Regina Vargas Mansano.
Reflexões sobre o uso de álcool entre jovens quilombolas	Roseane Amorim da Silva; Jaileila de Araújo Menezes.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

⁴³LODETTI, Alex Simon et al. A vida psíquica do homem e a morte de mulheres. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 30, e161068, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100230&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30161068>.

⁴⁴TRABBOLD, Vera Lucia Mendes et al. Concepções sobre adolescentes em situação de violência sexual. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 74-83, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100074&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p074>.

No eixo temático Interseccionalidades, Carvalhaes et al. (2018)⁴⁵, em “Mulheres no crime: análise sobre enunciados difundidos pela mídia brasileira”, realizam um estudo teórico e documental, que identificou os enunciados midiáticos acerca de mulheres julgadas como criminosas, verificou-se que as reportagens sobre mulheres no crime contribuem para a institucionalização de modelos prescritivos de gênero. Entretanto, esses mesmos enunciados produzem efeitos imprevisíveis, como a imprecisão das fronteiras de gêneros, que evidenciam as múltiplas possibilidades de existência. O estudo de Silva e Menezes (2016)⁴⁶ é o único artigo que encontramos dentro do eixo raça e Psicologia.

As autoras, em sua pesquisa, perceberam que o uso do álcool para os jovens quilombolas funciona como um elemento que favorece o enfrentamento de situações difíceis. E refletem sobre a dificuldade que os/as quilombolas enfrentam para conseguir um trabalho formal, do preconceito por serem quilombolas, por morarem na área da zona rural distante do centro da cidade, entre outros. Nesse sentido, destacam o quanto as questões de raça, classe e território se relacionam com o uso de álcool.

Quadro 8 - Eixo temático sexualidade

Títulos dos artigos	Autores/as
Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão	Estephania de Lima Oliveira; André Luiz Machado das Neves; Iolete Ribeiro da Silva.
Cenas e cenários de “primeira vez” na experiência de gerações distintas	Ana Maria de Oliveira Urpia; Sônia Maria Rocha Sampaio.
Amar amores: o poliamor na contemporaneidade	Tatiana Spalding Perez; Yáskara Arrial Palma;

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

No oitavo e último eixo que trata do tema Sexualidade, Oliveira et al. (2018)⁴⁷, no artigo “Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias

⁴⁵CARVALHAES, Flávia Fernandes de; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Mulheres no crime: análise sobre enunciados difundidos pela mídia brasileira. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 30, e1 87397, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100250&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30187397>.

⁴⁶SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araújo. Reflexões sobre o uso de álcool entre jovens quilombolas. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 84-93, Apr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100084&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p084>.

⁴⁷OLIVEIRA, Estephania de Lima; NEVES, André Luiz Machado das e SILVA, Iolete Ribeiro da. Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. *Psicol. Soc.* [online]. 2018, vol.30, e166019. Epub 03-Dez-2018. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/1807->

mecanicistas e subversão”, realizam um estudo através de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa de caráter descritiva-exploratória, cujos dados foram produzidos a partir de entrevista semiestruturada e teve como objetivo compreender os sentidos da sexualidade construídos por mulheres idosas. Os autores concluíram que sobre sexualidade as idosas participantes deste estudo evidenciam direcionamento em dois grupos: as mulheres que “não têm mais vontade de fazer sexo”; e as que ainda preferem fazê-lo. Urpia e Sampaio (2018)⁴⁸, em “Cenas e cenários de “primeira vez” na experiência de gerações distintas”, propôs a compreensão dos significados construídos pelos/as entrevistados/as em torno de suas primeiras experiências afetivo-sexuais, bem como dos cenários culturais que guiaram suas cenas de “primeira vez”, conforme sua posição geracional e de gênero. Já no artigo de Perez & Palma (2019)⁴⁹, intitulado “Amar amores: o poliamor na contemporaneidade”, os autores buscaram compreender as expressões do poliamor, através de entrevistas narrativas. O estudo demonstrou que o poliamor baseia-se no amor livre, na não monogamia, na responsabilidade, na compreensão, no respeito à individualidade, na liberdade sexual, na equidade de gênero e no diálogo. Além disso, foram evidenciados, também, as dificuldades enfrentadas pelos poliamoristas, tais como insegurança na exposição pública da relação e pressões sociais de estereótipos de gênero.

Considerações finais

Percebemos uma diferença significativa na quantidade de publicações sobre gênero em relação às de raça. Além disso, durante essa investigação, constatamos que, no ano de 2018 em que ocorreu o assassinato da vereadora Marielle Franco, mais que duplicaram os artigos sobre gênero na Psicologia em relação ao ano anterior (2017).

Acerca dos eixos temáticos em que essas produções puderam ser classificadas, destacamos que a Psicologia se empenha em estudar diferentes contextos, assim como variados assuntos dentro de uma mesma temática, considerando que as produções levantadas

0310/2018v30166019.

⁴⁸URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Cenas e cenários de “primeira vez” na experiência de gerações distintas. *Psicol. Soc.* Belo Horizonte, v. 30, e183092, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100237&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30183092>.

⁴⁹PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e165759, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100208&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de dezembro de 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>.

foram agrupadas em oito eixos: parentalidade – artigos voltados aos papéis e funções parentais; subjetivação – estudos voltados à construção subjetiva de gênero; ruralidade/território – estudos voltados às discussões e vivências de gênero no território rural; feminismo – estudos voltados à organização e identificação política feministas; profissionalização – estudos voltados às discussões de gênero na inserção e/ou atuação no mundo do trabalho; violências – estudos voltados a analisar as construções de gênero na perpetuação de práticas violentas; interseccionalidade – estudos voltados às relações entre raça, gênero, classe e sexualidade – estudos voltados aos modos de vivenciar as diferentes sexualidades.

Contudo, atenta-se para a necessidade de investigações e empenhos da Psicologia no que se refere à raça enquanto construção social. Acreditamos que o campo da Psicologia além de contribuir para os aspectos específicos da raça e racismo, deve acolher as demandas pertinentes às populações negras e indígenas, e tem muito a aprender com os debates feitos sobre a temática, pelos movimentos negros e povos originários.